

# O GRUPO PET GEOGRAFIA DA UDESC E LIBERDADE DE PESQUISA EM GÊNERO

KNABBEN, Raphael Meira

**Resumo:** Temas periféricos costumam a se estabelecer nas universidades. No curso de Geografia da UDESC, muitas linhas de pesquisa já estão consolidadas, dificultando o ingresso das temáticas de gênero como possível abordagem aos acadêmicos. O grupo PET Geografia da UDESC, devido a suas particularidades, possibilita que qualquer tema seja possível como pesquisa. Este artigo é uma discussão sobre a liberdade de pesquisa em gênero e duas pesquisas em desenvolvimento no grupo PET Geografia da UDESC.

**Palavras-chave:** PET, pesquisa, gênero.

**Abstract:** Peripheral issues cost to settle in universities. In the course of Geography of UDESC, many lines of research are already consolidated, hindering the entry of gender issues as a possible approach to academics. The group PET Geografia of UDESC, due to its particularities, allows any subject to be possible as research. This paper is a discussion about research's liberty in gender and two studies in development at group PET Geografia of UDESC.

**Keywords:** PET, research, gender.

## INTRODUÇÃO

Escrever sobre liberdade de pesquisa parece algo bastante desconexo, afinal parece um tanto óbvio, porém irei justificar minha escolha no decorrer deste trabalho. Quando entramos em uma universidade, aproximamo-nos de laboratórios (ou não) cujas propostas de pesquisa, de ensino ou de extensão nos agradam mais, além disto, há outros critérios que consideramos, como valor da bolsa, benefícios que tais núcleos trarão, possibilidade de entrada no mercado de trabalho com maior facilidade e mais uma lista interminável de características que podem ser citadas.

Muitos núcleos estão consolidados há alguns anos, já possuem atividades pré-determinadas e não disponíveis à discussão ou alteração, apenas aplicação. Isto faz com que novos temas que podem ser trabalhos dentro dos cursos sejam cada vez mais difíceis de surgir, devido à inviabilidade de sua inserção nos atuais expoentes de pesquisa, ensino e extensão dentro das universidades. A constituição de um núcleo pioneiro é dificultosa, afinal necessita de uma mudança paradigmática dentro de membros do corpo docente de determinado curso, de uma pressão acadêmica ou da entrada de um professor que queira trabalhar determinada temática e tenha determinação para instituí-la dentro da instituição que lecionará.

O Programa de Educação Tutorial (PET) foi instituído pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 1979, ainda com o nome de Programa Especial de Treinamento, os grupos são constituídos de até doze bolsistas, até seis bolsistas voluntários e um professor tutor, devendo desenvolver atividades de pesquisa, ensino e extensão, buscando a inter-relação entre os três pilares. Alguns dos objetivos do programa são: a melhoria do ensino de graduação, interdisciplinaridade, atuação coletiva, o aprendizado do trabalho em equipe e a formação acadêmica ampla dos alunos, sejam eles integrantes dos grupos PET ou não.

O grupo PET Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) difere de outros núcleos laboratoriais no que tange às linhas de pesquisa. Apesar de ter a presença de um único professor do departamento a que o curso está ligado, as pesquisas não são necessariamente orientadas pelo professor tutor. Em outras palavras, o PET não tem linha de pesquisa. Isto cria oportunidades para que os integrantes discentes dos grupos sintam-se confortáveis para realizar suas pesquisas sobre temas de seu interesse, sob orientação de qualquer professor, seja ele do departamento do curso ou não, ou ainda que não tenham orientação, caso decidam por fazê-lo.

Esta é de fato uma liberdade das amarras acadêmicas que muitas vezes os discentes estão atrelados na universidade, quando precisam se adaptar as linhas de pesquisa vigentes nas instituições de ensino superior que estão cursando. Surgem pesquisas de diversas temáticas dentro dos grupos PET, sendo elas inovadoras, originais, hodiernas, ou dentro de linhas já bastante consolidadas, isto depende unicamente da opção do integrante discente do grupo.

Permite-se a liberdade, porém o ônus dela é a retaliação. Quando me ocorreu pensar sobre gênero dentro da geografia, alguns professores incentivaram e inclusive indicaram a ainda incipiente produção brasileira no assunto, para servir de estímulo para não abandonar aquilo que me atraiu. Ao mesmo tempo, comentários como: “mas isto não é geografia...” ou “e qual o propósito disto?” surgiram. Poderia ter abandonado e seguido algo mais simples, mas por que não inovar?

## **OS ESTUDOS DE GÊNERO**

### **DENTRO DA GEOGRAFIA BRASILEIRA**

Segundo Silva, et al. (2013), os estudos de gênero dentro da geografia brasileira começaram a aparecer na década de 1990. No período entre 1990 e 2011 apenas 40 trabalhos dos 6703 defendidos nos programas de pós-graduação em geografia (dissertações e teses) envolviam os temas de gênero e sexualidades. Isto mostra o quanto este campo do saber ainda é novo e necessita de estímulo para que se expanda. Apesar do pequeno percentual, os autores trazem que nos últimos anos (2006-2011) houve um aumento comparado com o período 1990-2005, tendo uma perspectiva de aumento para os próximos anos.

Vasconcelos (2012) não cita abordagens de gênero dentro da geografia, sendo que perpassa a geografia desde os anos dos primeiros percursos, como Carl Ritter, Alexander Von Humboldt e Friedrich Ratzel até a atualidade.

### **DENTRO DA GEOGRAFIA DA UDESC**

Para não dizer que não há este estudo dentro do curso de Geografia da UDESC, ele está previsto na ementa de apenas três disciplinas optativas dentro das matrizes

curriculares vigentes, são: Antropologia, Educação e Sociedade e Educação Inclusiva. Apesar de bastante trabalhado no curso de História da UDESC, inclusive com a presença do Laboratório de Relações de Gênero e Família (LABGEF), esta temática é periférica no curso de Geografia, não sendo considerada relevante.

Em contrapartida, outras temáticas são por demais aprofundadas, fazendo com que a produção acadêmica seja pouco vasta, diminuindo o campo de atuação dos formados nesta instituição. Pode-se dizer que há tradições epistemológicas dentro do curso de geografia desta instituição de ensino superior, o que torna de difícil inserção as vertentes ligadas aos estudos de gênero aliados à geografia.

## **DENTRO DO PET GEOGRAFIA DA UDESC**

Foi durante a décima edição do evento Fazendo Gênero, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que surgiu uma ideia para aliar geografia e gênero às minhas práticas dentro do grupo PET Geografia da UDESC. Durante o simpósio temático de número 73, intitulado “Geografias, Gênero e Sexualidades”, participei como ouvinte e me interessei por um determinado trabalho que envolvia escolas da rede pública da cidade de Ponta Grossa, indaguei-me se os resultados seriam díspares quando realizada pesquisa similar na cidade de Florianópolis. Depois deste, houve um amadurecimento de outra ideia antiga, que também será apresentada.

### **2.3.1 A heteronormatividade dentro de escolas públicas estaduais de Florianópolis**

De fato vivemos em uma sociedade onde a heteronormatividade é hegemônica no uso do espaço público e privado, além do modo de vida. Os espaços são produzidos por e para heterossexuais cisgêneros, classe majoritária da sociedade, fazendo com que uma minoria seja segregada de uma infinidade de espaços. Um dos espaços que os chamados corpos transgressores da heteronormatividade habitam é a escola estadual pública, são anos de vivência conturbados e de vivências complicadas para estas pessoas. Os heterossexuais cisgêneros acabam apenas reproduzindo e perpetuando um modelo já constituído culturalmente na sociedade, fazendo com que as minorias sofram no espaço escolar, tendo dificuldades para concluir sua formação neste ambiente. Quando transgêneros, as dificuldades são ainda maiores, pois não é apenas um confronto de orientação, mas de identidade.

O espaço heteronormativo é, portanto, parte do discurso hegemônico que concebe a ordem social bipolarizada entre homens e mulheres, marginalizando aqueles que fogem a linearidade entre sexo, gênero e desejo. (SILVA, 2013, p. 155-6)

O foco da pesquisa é analisar como os padrões heteronormativos estão constituídos dentro do ambiente escolar público na cidade de Florianópolis, perguntas referentes à transexualidade, identidade de gênero e orientação sexual permearão esta pesquisa. Ela é de extrema relevância para as discussões atuais onde o fundamentalismo ameaça diretamente os sujeitos que transgridem a heteronormatividade diariamente. Além disto, pouco se discute essas questões dentro das escolas públicas, sendo esta uma

ótima oportunidade para levar o tema para dentro do ambiente escolar, estando previsto pelos parâmetros curriculares nacionais (PCNs) o tema de orientação sexual. A metodologia a ser aplicada se dará através de aplicação de questionários para alunos de ensino médio da rede pública de ensino de Florianópolis. Como é uma pesquisa quantitativa, o foco é atingir uma amostragem de aproximadamente 3000 questionários.

Com o auxílio da professora tutora Vera Lucia Nehls Dias, foi produzido o questionário para aplicação nas escolas estaduais públicas de Florianópolis. Também já foi demarcado o universo para aplicação, composto por 23 escolas em diversos bairros da cidade, a quantidade de questionários são proporcionais à quantidade de alunos matriculados no ensino médio de cada escola. Porém há dificuldade de inserção nas escolas, devido às questões, além disto não há participação de outros acadêmicos ou professores para auxiliar no desenvolvimento da pesquisa, o que acaba dificultando a aplicação dos questionários.

### 2.3.2 Travesti não é bagunça: As práticas territoriais de travestis profissionais do sexo no centro de Florianópolis

O título desta pesquisa foi inspirado na frase “Tá pensando que travesti é bagunça?”, pronunciada no programa Profissão Repórter, da Rede Globo de Televisão, neste, uma travesti fica indignada com um possível cliente que desiste do programa após ter demonstrado interesse e solta o jargão. O resultado desta pesquisa será a escrita da monografia de conclusão de curso.

Pouco se sabe sobre as travestis. São pessoas que quando aparecem na mídia, são apenas reconhecidas como exóticas, aberrações ou vítimas, praticamente como personagens circenses. Onde elas estão? Quais espaços utilizam? Por que a sociedade as julga, segrega, condena? Por que tem tanta dificuldade no reconhecimento de sua identidade de gênero feminina? São questões pertinentes quando se analisa sujeitos que também usufruem da cidade, que dividem seus espaços e exercem (ou deveriam exercer) sociabilidades com todos os habitantes de uma dada localidade.

É no corpo que elas localizam os principais símbolos do masculino e do feminino; e investem conhecimento, tempo e dinheiro para que possam ostentar, sentir e exibir um corpo diferente, um novo corpo. (BENEDETTI, 2005, p. 51)

O corpo é tudo para as travestis. Como Benedetti traz, é nele que elas investem, seja o seu tempo ou o seu dinheiro, com objetivo de que este corpo signifique seus pensamentos e práticas, tornando-se uma forma de linguagem. Para a sociedade brasileira, acostumados com os valores da cultura ocidental moderna, torna-se difícil a aceitação destes sujeitos, o binarismo de gênero já está enraizado como verdade absoluta em grande parte da população, impossibilitando sua inclusão no padrão socialmente aceito. Em outras localidades há uma maior inserção social de pessoas com identidade de gênero conflitante com o sexo biológico, é o caso das *burrneshas* da Albânia, das *fa'afafines* de Samoa ou das *hijras* da Índia.

Mas quem produz a segregação? “Subjacente à ação estatal está a classe dominante ou algumas de suas frações” (CORRÊA, 2003, p. 63-64). Ou seja, a não intervenção do Estado criminalizando atos de transfobia, algo que poderia ser atingido

com a aprovação da Lei João W. Nery<sup>1</sup>, por exemplo, faz com que uma classe dominante – heteronormativa – tenha ampla liberdade para esgrimir determinados grupos.

Há uma grande dificuldade delas utilizarem a saúde e a educação pública, de realizar entrevistas de emprego, ou simplesmente de usar o banheiro de um *shopping center*. A problemática se constitui em entender as razões da sociedade manter certos preconceitos e estigmas, clarear àqueles que possuem uma visão afoita – rasteira – dessas pessoas, mostrar à sociedade que o grupo das travestis também possui direitos, sejam eles os mais específicos ou os mais simples, como o de simplesmente transitar pela cidade.

Pode-se afirmar que a sociedade segue a heteronormatividade, onde os cidadãos que não possuem uma linearidade entre sexo, gênero e desejo que culmine no cisgênero heterossexual acabam excluídos da dita normalidade, sendo constantemente aleijados de direitos. O grupo das travestis encontra-se marginalizado quando se observa a sociedade atual, são pessoas julgadas, segregadas e quase sempre impossibilitadas de terem outra ocupação que não seja a prostituição. São pessoas com baixíssima expectativa de vida (beira os trinta anos), poucas oportunidades de emprego e que levam uma vida repleta de dificuldades.

O espaço ocupado pelas travestis quando na batalha<sup>2</sup> é um palco de relações de poder altamente instável. As lutas são constantes, seja com clientes, seja com travestis. Este palco das relações, o território, é o objeto de estudo desta pesquisa. O roteiro semiestruturado foi produzido com apoio da professora tutora Vera Lucia Nehls Dias e será aplicado com aproximadamente dez travestis quando em seu local de batalha. Há necessidade de ser realizado no próprio território, para que as travestis sejam as mais espontâneas possíveis e seus depoimentos sejam mais críveis.

Que território é este? Como podemos delimitá-lo?

O território, objeto deste ensaio, é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder. A questão primordial, aqui, não é, na realidade, quais são as características geoecológicas e os recursos naturais de uma certa área, o que se produz ou quem produz em um dado espaço, ou ainda quais as ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço. Estes aspectos podem ser de crucial importância para a compreensão da gênese de um território ou do interesse por tomá-lo ou mantê-lo” (SOUZA, 2002, p. 78)

Ou seja, há um caráter político de dominação para a constituição dos territórios. Não seria diferente quando analisado os espaços das travestis, que ao utilizarem determinados espaços durante a noite, acabam por os territorializarem, dando significados de caráter cíclico àqueles ambientes, instituem uma microterritorialidade lá. Afinal, conforme afirma Souza (2002, p. 111): “Todo espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder é um território”.

<sup>1</sup> Disponível em:

[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1059446&filename=PL+5002/2013](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1059446&filename=PL+5002/2013)

<sup>2</sup> Termo êmico para o ato de prostituir-se.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa de Educação Tutorial é um importante meio para que novas pesquisas surjam, sejam desenvolvidas e tomem espaço dentro da geografia em âmbito nacional. Suas características permitem que os temas a serem trabalhados dependam unicamente dos integrantes discentes, caracterizando de fato liberdade de pesquisa aos bolsistas.

Os grupos PET são de grande relevância para que ocorra uma oxigenação dos cursos de graduação por todo o país, pois além de permitirem uma ampla formação com atividades de pesquisa, ensino e extensão, aperfeiçoa as atividades já consolidadas e permite o surgimento de outras pioneiras. Esta liberdade permitiu-me adentrar a pesquisa de gênero na geografia. Dependendo das individualidades dos participantes, pode-se buscar uma gama de temas a serem desenvolvidos e fortalecidos.

## REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita: O corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

CABRAL, Vinicius., et al. Espaços de Morte e Representações Sociais de Travestis na Cidade de Ponta Grossa – Paraná. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. vol. 4, nº 1, p. 139-161, 2013.

CARDOZO, Fernanda. “Performatividades de gênero, performatividades de parentesco: notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis/SC”. In: GROSSI, Miriam Pillar., et al. (orgs). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CÔRREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol. 17, nº 49, p. 11-29, 2002.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. 1ª edição. São Paulo: Ática, 1993.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **Geo UERJ**. ano 10, nº 18, vol. 1, 2008.

SILVA, Joseli Maria., et al (orgs). **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de., et al. (orgs). **Geografia, Conceitos e Temas**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 77-115.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Dois séculos de pensamento sobre a cidade**. 2ª edição. Salvador: Edufba; Ilhéus: Editus, 2012.